

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

30 de Maio de 1904

N.º 915

Congresso Maritimo Internacional



S. M. EL-REI D. CARLOS

Chronica Occidental

Passou o dia terrivel.
Felizes d'aquelles que, lidas estas palavras, ainda teem no olhar um pontosinho de interrogação.
Dia terrivel!... Eu cá não sei o que foi esse dia terrivel!
Feliz homem!... Feliz homem!
Olhe que muitos o conheceram; conheceram-o com gaudio os das casas de penhores, conheceram-o os inquilinos que tiveram o pesadêlo de talvez ficarem sem casa.
O dia 20!... O dia dos escriptos!
E dá-se o caso, aliás de pouca importancia, que estes dois dias fatidicos, aos quaes, tivessem elles consciencia, pesariam as insomnias que espalham, estes dois dias que nos almanachs deveriam vir marcados com grandes cruces para d'elles afastar o demonio, estes dois dias negros, negros como a má ventura, calham exactamente nas mais lindas estações do anno, agora no maio refulgente, d'aqui a seis mezes no dulcissimo novembro, no verão de S. Martinho.
Agora o sol a resplender como uma custodia d'oiro; depois os poentes a falarem d'amor! E um bom chefe de familia, d'olho esbogalhado, a querer resolver um problema, e a incognita a embrulhar-se-lhe sempre n'uma equação irreductivel!

E o tempo lindo?... Nem sempre.

Patifa de primavera!... Não o digo no sentido que tem a frase na alegre opereta franceza; digo-o n'aquelle em que decerto, mais d'uma vez o pronunciaram os congressistas e seus companheiros na viagem a Cintra e a Cascaes, realisada no dia 26.

Vá uma pessoa fiar-se na fama de excellente que a primavera tem cá na terra. Maio, mez de Maria e das flores, ponha-se elle a fazer caretas e até nos ha-de, ás vezes, parecer bonito o carrancudo inverno.

Ainda assim, o passeio não correu mal de todo, e houve alegria entre os convivas.

Foi visitado o paço de Cintra e admirado no que tem de muito bello em trechos de architectura e em recordações historicas, galantes umas, tragicas outras, gloriosas muitas.

O almoço realisou-se no largo do Picadeiro, onde grandes toldos abrigavam as mezas.

Rapidamente foi visitado o palacio da Pena e os excursionistas partiram para Cascaes, visitando a Bocca do Inferno e o Monte Estoril.

De volta, ao apearem-se no Caes do Sodré, quantos d'elles perguntariam o que era feito do *printemps éternel*.

As ultimas sessões do Congresso maritimo internacional realisaram-se no dia 28, bem como o banquete no salão da Trindade, em cujas mezas foram dispostos 270 talheres.

Na vespera, conforme o programma das festas, os congressistas haviam sido recebidos nas salas dos Paços do Concelho.

A sessão solemne presidiu o sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, tendo á sua direita o sr. Wencesláo de Lima, ministro dos negocios estrangeiros, e á esquerda o governador civil de Lisboa, sr Conde de Sabrosa.

Saudou o sr. Presidente da Camara os congressistas, lembrando que Lisboa, capital d'um paiz cuja maior gloria era a dos navegadores que produzira, tinha justificado titulo para a honrosa preferencia que lhe fôra dada. Nenhum como este oongresso se harmonisava com a nossa situação geographica, tradições e circumstancia de sermos uma nação ainda com poderoso dominio colonial. Em nome da cidade saudou os seus hospedes, d'esta cidade em que nasceu Camões, poeta que ao cantar a Odyséa da India, celebrou um facto de interesse geral para a humanidade.

N'um curto mas bello improviso respondeu-lhe o sr. Roux, presidente do congresso, felicitando-se pela escolha da bella cidade maritima para o actual congresso. Fez o elogio do Tejo, de Cintra e de Cascaes. Lembrou que o fim principal do congresso era um codigo commum para todos os paizes e terminou pedindo ao sr. Presidente do municipio que transmittisse ao povo de Lisboa o reconhecimento pelas amabilidades recebidas.



A EXPOSIÇÃO OCEANOGRAPHICA DE S. M. EL-REI D. CARLOS

(Photographia do sr. A. Novaes)



MARIA GALVANY

A maior parte dos congressistas demora-se em Portugal até o dia 31, devendo partir a bordo do *Cordillere*. Os dias ainda passarão para elles com certa rapidez, mas longas lhes hão de parecer as noites, se de Portugal e de coisas portuguezas, alguma coisa mais pretenderem saber.

Que temos ahí que lhes mostre e que seja nosso, de veras nosso? Por muito que demos tratos á imaginação, pouco mais encontraremos além da feira d'Alcantara, com seus theatros, cavallinhos, escola de toureiros, casas de comidas, barracas de jogo e queijadeiras.

Tem sido ella o grande refugio dos que preferem divertir-se a ir criar somno para a Avenida, com o perigo de adormecer n'um banco e de ser levado para a esquadra por um policia menos esperto ou mais caritativo.

A feira este anno obteve um grande successo, como por ahí se diz, e ás vezes com muito menos verdade. Levaram-lhe concorrência os carros electricos, que, certas noites, até depois das duas da madrugada andam correndo por aquelle Aterro fóra.

O recinto foi d'esta vez mais commodamente preparado e varias barracas chegam a apparentar um certo luxo. É um divertimento para o povo, e sem nenhuma razão attendivel contra ella quizeram protestar certos moradores da visinhança em nome da civilização. Razões de protesto que haveria, olhando a certos repertorios, deveriam então repetir-se para theatros de maior luxo externo que funcionam nas ruas de Lisboa, frequentados por mais alta sociedade.

Naturalmente os congressistas, para distrahir seus ocios, terão frequentado o Colyseu, onde puderam applaudir a Maria Galvany, e o theatro D. Amelia, onde a companhia de zarzuela e a dançarina Imperio continuam atrahindo enorme concorrência e sendo motivo dos mais vivos enthusiasmos.

No Colyseu, Maria Galvany, contratada por poucas recitas, foi tal o exito que obteve, que a ultima, definitiva, irrevogavel representação, ainda não se realisou. Será mais uma noite de festa, pois a excellente cantora conseguiu gloriosamente o agrado de todo o publico.

Parece, certas noites, que ainda estamos em pleno inverno, se não fosse o calor que existe na sala, onde os olhos bonitos que nos apparecem no palco substituiram, com vantagem, os antigos fogõesinhos de gaz, em tempos mais invernosos distribuidos pelos corredores.

Italianos na Baixa, hespanhoes na Alta — sem

trocadilho — que foi feito das companhias portuguezas do theatro de D. Amelia e do theatro de D. Maria? Andam pela provincia, aquelles no Porto, estes girando por terras differentes, Aveiro, Coimbra, Setubal, Santarem e Vizeu, tratando da vida, que não lhes correria em Lisboa, ao chegarem os calores, como elles desejariam.

As epocas theatraes vão sendo cada vez mais curtas. Começam tarde; outubro ainda é mão mez, novembro nem sempre é melhor. Depois o publico desacostumou-se, leva tempo a pegar nos antigos habitos. São meados de dezembro e ainda muitos não entram n'uma bilheteira. Chega o mez de abril e já os annuncios nos jornaes, de hoteis que vão abrir-se nas thermas, começam a distrahir-o. Está cansado; só um exito excepcional ou alguma companhia estrangeira lhe desperta a curiosidade.

Não vão os tempos bons para os artistas portuguezes. Por isso o Brazil os tenta como sabemos e alguns para lá marcham em duras circumstancias, arriscando-se por vezes a uma morte quasi provavel pela ambição de melhorarem um bocadinho a vida.

Quantos lá ficaram o anno passado, n'aquelle temerario giro pelas provincias do norte! Mas em que tristes condições iriam elles?

O Brazil deveria ser para os artistas portuguezes um verdadeiro salvaterio. Por que hão

de ás vezes ambições de emprezarios ou levandades de ignorantes transformal-o assim?

Não se apresenta com lados agoirentos o passeio d'este anno ao Rio de Janeiro. Que voltem contentes, com saude a Lisboa é o que do coração lhes desejamos.

Partidas de artistas, partidas de elegantes, dentro em pouco temos Lisboa deserta, na melancolia dos extensos dias de verão, sem um theatro aberto, sem uma carruagem na Avenida.

Então haverá fome e sede de noticias e antes as não haja de que d'estas que mais deram que falar nos ultimos dias em Lisboa.

Dois suicidios, effectuados pela mesma forma, vieram outra vez despertar a eterna questão do contagio pelo exemplo, da necessidade absoluta de acabar com a publicidade d'esse genero de tragedia.

Ha duas ou tres semanas, n'um bello artigo publicado pela *Parodia*, João Chagas ia mais longe querendo que fosse reduzido o noticiario dos crimes. Da corrida immediata ao mais lido jornal, feito por aquelle soldado que matou os dois officiaes no quartel da Estrella, tirava conclusões de logica irrefutavel. Pode um jornal bem redigido apresentar, juntamente com a noticia do crime, as considerações que sejam de maior castigo, um máo exemplo é sempre um exemplo máo.

Parece de Mr. Prud'homme, mas tambem elle, de vez em quando, dizia a sua verdade.

João da Camara

Congresso Marítimo Internacional

E

EXPOSIÇÃO OCEANOGRAPHICA

Com a assistencia de Suas Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha D. Amelia, Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza Infante D. Affonso, ministerio, corpo diplomatico e outras dignidades civis, militares e ecclesiasticas, congressistas nacionaes e estrangeiros, etc., realisou-se no dia 22 do corrente pelas 4 horas da tarde, na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, a sessão inaugural d'este congresso.

Devido aos esforços da Liga Naval ha pouco

nascente, mas já evidenciando a energia da sua direcção em muitos actos que a illustram, a Associação Internacional de Marinha escolheu Lisboa para sede do terceiro congresso marítimo, havendo-se os dois primeiros realisado em Monaco e Copenhague e devendo o quarto realizar-se em Liège.

Na sessão do dia 28 terminou o congresso os seus trabalhos estando representadas muitas associações scientificas estrangeiras pelos seus membros mais proeminentes, tomando tambem parte tudo que em Portugal é devotado ao culto das sciencias maritimas, e em que tem o seu lugar de honra, como o mais dedicado, Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

Os congressistas foram os srs.:

Benjamin Abram, Aix; Ed. T. Agius, Londres; Joseph Agius, idem; Paul Arné, Bordeaux; Thomas Barclay, Paris; Adolph Barincou, Bordeaux, delegado da Sociedade de Oceanographia do Golfo da Gasconha; madame Marincou, idem; André Barincou, idem; F. Barreras Massó, Vigo, delegado da Liga Maritima Hespanhola; Abel de Berthe, Paris; madame de Berthe, Paris; G. Bes-cow, Stockolmo; Luis Brunet, Paris, delegado do governo dos principados de Montenegro; Robert Godeau, idem; J. Charles Roux, idem; Baron de la Chevrelière, idem, delegado da Telegraphia sem fios; Fernando Conde, Vigo, delegado da Camara de Commercio de Vigo; José R. Curbera, idem; Victor Daynard, Paris; mademoiselle Helene Daynard, idem; Max Douau, Lisboa, delegado da Camara do Commercio Francez de Portugal; M. Duchateau, Dunkerque, delegado da Camara do Commercio de Dunkerque; Karl Ek, Kalmar; madame Ek, idem; Paul Govare, Paris; Charles Gruet, Bordeaux, delegado da Camara de Commercio; A. Hantefeuille, Paris; René Lacour, Cannes, delegado do Yacht Club de França; J. E. Lagerholm, Carlskrona; Maidon, Paris, delegado do Ministerio das Colonias; Marcel Michel, Aix; A. Navarrete y de Alcazar, delegado da Liga Maritima Hespanhola; Chev. G. Pesce, Paris, delegado do Ministerio da Marinha; Paul Pompei, Lisboa, delegado da Camara de Commercio Francez de Portugal; Baron Quinett de Rochemont Paris; M. de Rochechouart, idem, delegado do Yacht Club de França; Baron de Rolan, Monaco; B. de Rolland, idem; Bertil Sederholm, Malmoe; M. V. Tholozan, Nice; M. Travailleur, Bruxelles; F. Wimmer, Lisboa; H. Wimmer, idem; James Woolongham, Bordeaux, delegado do Ministerio da Marinha, Colonel Van Zuylen; La Haye, delegado da Sociedade de Oceanographia do Golfo da Gasconha; madame Van Zuylen, idem; Roy Campbell, addido naval á embaixada dos Estados Unidos; Augusto Mino, idem.

De Portugal tambem se fazia representar a Sociedade de Geographia pelos srs. contra-almirantes Ferreira do Amaral e Sergio de Sousa, capitão de fragata Ernesto de Vasconcellos, capitão-tenente Alvaro Andréa, dr. Silva Telles, João Maria de Almeida Lima, Joaquim José de Barros, 1.º tenente da armada; a Associação Commercial de Lisboa, pelos srs. José Adolpho de Mello e Sousa, conselheiro J. C. Carvalho Pessoa, J. Oliveira Soares, C. Mahony e José Augusto Moreira de Almeida; a Associação dos Engenheiros Civis pelos srs. conselheiros Adolpho Ferreira Loureiro, Cordeiro de Sousa, José Cecilio da Costa, Manuel Roldan e J. M. de Mello e Mattos; a Associação dos Engenheiros Machinistas pelos srs. Alfredo de Brito, Joaquim José da Cruz e Anthero da Silva Borges; o Real Club Naval pelos srs. Elycio Mendes, A. Pinto Basto e A. Duarte Holbeche; o Club Naval Madeirense pelos srs. A. J. Sarsfield e dr. F. Santos Martins; a Associação dos Logistas pelo sr. Soares Guedes e a Liga Naval Portugueza pelos seus corpos gerentes e em especial pelo sr. Pereira de Mattos, distincto official da armada, secretario perpetuo da Liga, que tão bem se houve no desempenho da comissão que lhe foi confiada de receber os congressistas estrangeiros, etc.

Os fins do congresso foram: Entabular negociações entre os Estados Maritimos com o fim de se constituir um *Bureau* Marítimo Internacional encarregado de estudar todas as questões maritimas internacionaes e propor aos differentes governos, em conformidade a adopção de regulamentos uniformes respeitantes a essas questões.

Elaborar um projecto preciso de regulamento do mesmo *Bureau*;

Diligenciar que um Estado tome a iniciativa de fazer aprovar este projecto pelas potenciaes interessadas, n'uma conferencia diplomatica encarregada de consagrar as suas estipulações.

Causou em todos a melhor impressão o discurso proferido na sessão inaugural por Mr. Charles Raux, presidente do Congresso, onde o illus-

tre congressista além de demonstrar vastos conhecimentos da nossa historia, teve para Portugal referencias que nos honraram não esquecendo de citar uma só das nossas glorias maritimas e a nossa parte perponderante na civilização da Africa.

A exposição de Oceanographia teve a sua inauguração a seguir ao congresso. Está disposta em duas salas da Sociedade de Geographia, na do Algarve e na de Portugal, sendo n'esta só a parte occupada pela exposição de S. Magestade El-Rei.

E' a secção mais interessante da exposição, que ao alto da entrada tem a corôa real sobrepujando uma grande rede de pesca, cujas bandas caem até ao chão, em forma de sanefas, abrindo a entrada e formando toda a parede da frente do recinto reservado á regia exposição.

Entre muitos objectos dispostos de forma a produzir seguro e agradável effeito, veem-se alli

inversão, systema Bagretti; traços Zambra, fiska de gravar etc.

Na parede do fundo vê-se um desenho a pastel de Sua Magestade El-rei representando o yacht «Amelia» encimado por uma boia do mesmo navio apertando a bandeira nacional e o estandarte real, que, por expressa determinação de El-rei dá a direita á bandeira portugueza.

Formando outros motivos de decoração veem-se tambem os distinctivos de El-rei, do Club Naval, da Real Associação Naval, Liga Naval Portugueza e bandeiras da Sociedade de Geographia.

Nas paredes alem dos apparatus empregados por El-Rei nas suas explorações scientificas estão dispostos muitos exemplares de peixes e crustaceos em que se destaca uma grande cabeça de um enormissimo peixe agulha.

N'um armario ao centro da exposição, estão dispostos os principaes apparatus e instrumentos oceanographicos.

Sobre o armario admira-se um bello exemplar de *Ophichthys serpens*, offerecido pelos srs. Ben-saude & C^a, producto de um arrasto a vapor, a 180 metros, no mar da Risca, em 19 de fevereiro de 1899.

N'uma bancada em forma de ferradura estão collocados os cações ou esqualos das grandes profundidades e alguns specimens costeiros e, contornando a casa, junto ás paredes dos lados direito e esquerdo, dispostos em apparadores, os exemplares mais raros da collecção dos productos obtidos nas differentes investigações scientificas e pelas seguintes divisões: fauna costeira, fauna costeira-pelagica, fauna abyssal propriamente dita e peixes que o sr. Girard classificou de *pelagobasthicos*.

N'um armario encostado á rede que forma o fundo veem-se dispostos ovos e parasitas de peixes, uma collecção de abyssaes de tamanho minusculo, amostras da fauna plankton e de aguas colhidas em pequenas profundidades e fundo do mar.

A sala do «Algarve» é occupada pelas exposições da Comissão Central de Pescarias e da Societé d'Océuographie do Golfe de Gascogne, exhibindo a primeira muitos modelos de embarcações de pesca usados em Portugal, e o segundo modelos de apparatus de salvação de Lampier e Debrosse, apparatus de medição de densidade, sondas Buchanan etc.

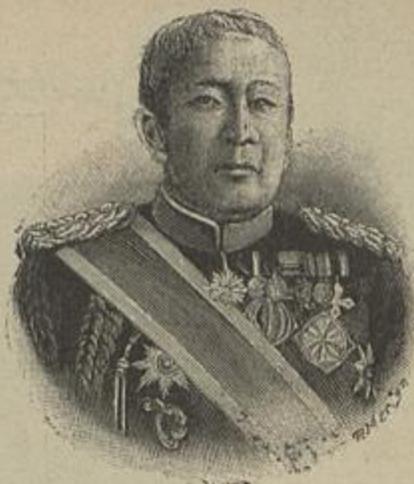
Os trabalhos de decoração foram confiados á direcção do sr. Alberto Girard auxiliado pelo engenheiro sr. Cordeiro de Sousa, um dos delegados ao Congresso pela Associação dos engenheiros civis de Lisboa. R.

GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO

NOTICIAS PARA A SUA HISTORIA

A familia reinante do Imperio do Japão descende, segundo as tradições do paiz, do Liumu-Teuno «o divino conquistador», filho do Deus *Isalbau* e bisneto da *Deusa do Sol*.

O Mikado que actualmente occupa o throno, é o 123.^o Imperador que usa as tres insignias divinas; a dynastia do sol, tem por emblema a flôr do chrysanthemo de que a forma recorda a do globo luminoso coroado de raios, e vem reinando



OYAMA, GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO JAPONEZ

sem interrupção ha vinte cinco seculos e meio, ou seja desde Nabucodonosor

Os nove primeiros seculos da historia do Mikado são só conhecidos pelas lendas; a historia propriamente dita principia nos finais do seculo III da era vulgar, com a introducção dos signaes ideographicos.

Antes da recente revolução que é do dominio de todos e que mudou a forma do governo no Japão, o poder estava somente nas mãos do Imperador. Era este, por assim dizer, uma especie de Deus, manifestando-se pela intervenção d'um seu delegado, convertido assim em verdadeiro Imperador.

Quando em 1853 os americanos, e depois os russos, se apresentaram com a pretensão de fazer um tratado de commercio com o Reino do Sol, o Mikado não soube nem poude fazer outra coisa senão entregar-se de manhã e á noite em orações fervorosas dirigidas aos deuses e aos manes dos seus antepassados; encerrado no seu palacio, ou, para melhor dizer, no seu templo, prisioneiro da etiqueta, não podia pôr os pés no solo, nem expor a sua pessoa ás inclemencias do ar, não permitindo que o sol lhe desse na cabeça.

O proprio *Siogoun* delegado do Imperador, não devia exercer o poder supremo e os feudatarios do Imperio, isto é, os dezoito grandes *Daimios* e os trezentos e trinta e quatro pequenos *Daimios*, constituíam, apesar de todos os estorvos, um poder tão forte como o do Imperador e do seu delegado na terra.

Quando o *Siogoun*, aterrado pela chegada da esquadra americana, se viu obrigado a renunciar á politica tradicional do Imperio auctorizando os estrangeiros a commercarem directamente com o seu povo e ainda para que se estabelecessem em territorio japonéz, viu que aquellas resoluções gravissimas agitavam fortemente a opinião dos senhores feudaes e até da multidão.

Este facto foi tão grave e convulsionou de tal forma a opinião, que pela vez primeira, depois de seculos, os rumores de fóra penetraram no recinto reservado. O Imperador, accommettido pelos nobres, teve que intervir, dando pela primeira vez ordem ao *Siogoun*.



S. M. LI HSI, IMPERADOR DA CORÉA

modelos de rede de malha reduzida para explorações, draga para fundos de rocha, boia indicadora das covas no alto mar; espinhella (apparelho de pesca do alto) de muitos anzoes, bicheiro, sacco de arrasto, draga para pequenos barcos, disco para medir o grau de transparencia das aguas, fluctuadores de Mitchell, para medir as velocidades das correntes, armação de thermometros de



VISTA GERAL DE SÉOUL, CAPITAL DA CORÉA

A GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO



CONSELHEIRO GUILHERME CAPELLO
*Presidente da Comissão
de recepção
aos Congressistas*



1.º TENENTE PEREIRA DE MATTOS
*Secretario perpetuo
da Liga Naval e da Comissão
de recepção
dos Congressistas*



GRUPO DE CONGRESSISTAS

(Photographia do sr. A. Novaes)

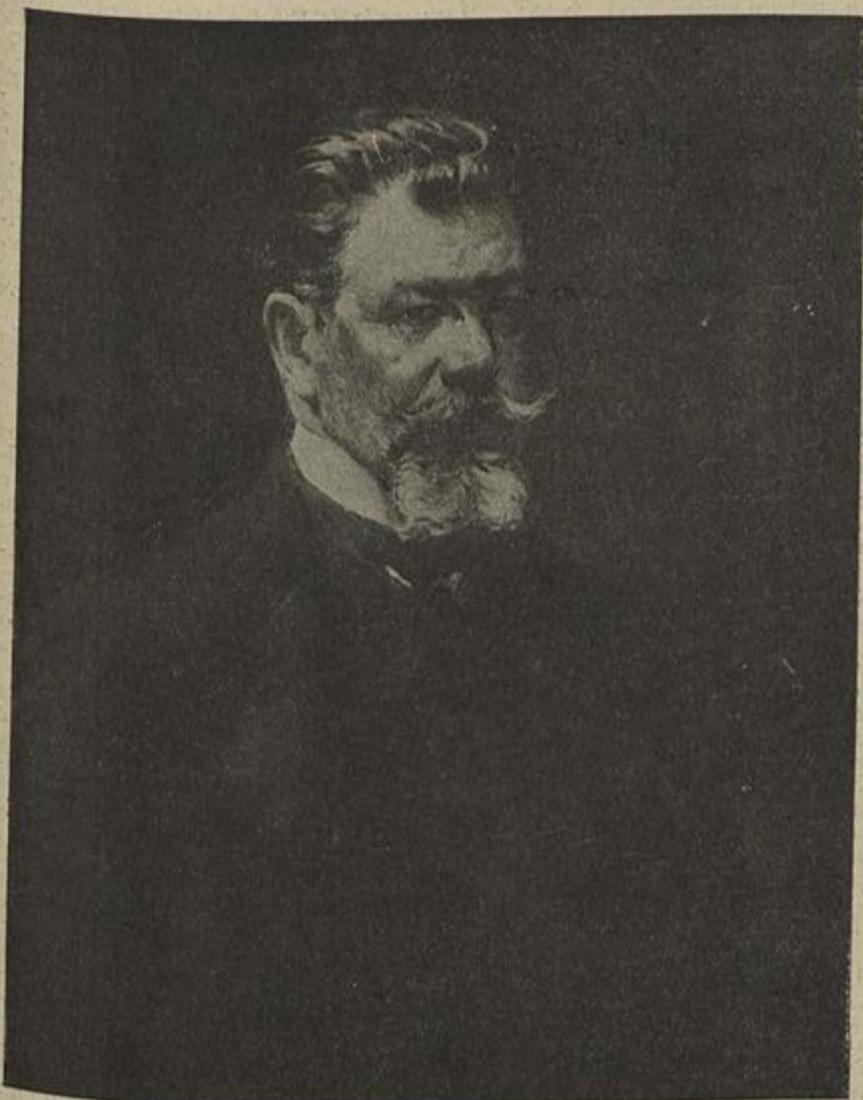


SESSAO REAL DE INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO MARÍTIMO INTERNACIONAL

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



NA MISSA EM NOTRE DAME
Quadro de David de Mello



RETRATO DO EX.º SR. DR. AVELINO MONTEIRO
Quadro de Carlos Reis



VELHO MODELO
Desenho a pastel de Matoso da Fonseca



As armas activas do exercito russo são: infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia.

A infantaria tem: 19:500 officiaes, 1.000.000 de praças de pret e 38:800 cavallos.

A cavallaria tem: 3.800 officiaes, 120.000 praças de pret e 125.000 cavallos.

A artilharia é constituida por 3.500 officiaes, 119.000 praças de pret e 108.000 cavallos e 3.900 canhões.

A engenharia 1.100 officiaes, 46.000 praças de pret e 13.600 cavallos.

Incluindo as tropas de reserva, a Rússia tem o seguinte effectivo do exercito: officiaes 66.400; praças de pret 3.460.000; cavallos 570.000 e canhões 5.900.

A marinha russa compõe-se de:

- 26 couraçados de esquadra.
- 12 couraçados guarda-costas.
- 26 cruzadores de 1.ª classe.
- 15 cruzadores de 2.ª classe.
- 9 torpedeiros de 1.ª classe.
- 25 contra-torpedeiros.
- 42 torpedeiros de 2.ª classe.

Estes 153 vasos de guerra deslocam 700.000 toneladas, tem 3.588 bocças de fogo, além de 773 tubos lança-torpedos.

A guarnição é representada por um effectivo de 62.226 marinheiros, 60 almirantes, 450 commandantes de navio, 1700 immediatos, 2.200 officiaes subalternos, 638 machinistas e 700 medicos.

A marinha japoneza compõe-se de:

- 6 couraçados de 1.ª classe.
- 5 guarda-costas couraçados.
- 6 cruzadores de 1.ª classe.
- 13 cruzadores protegidos de 1.ª classe.
- 5 cruzadores protegidos de 3.ª classe.
- 12 Destroyeres.
- 29 torpedeiros de 1.ª classe.
- 24 torpedeiros de 2.ª classe.

Além d'estes vasos de guerra o Japão tinha ha pouco tempo em construcção mais dois cruzadores couraçados de 1.ª classe.

Os 100 navios do seu effectivo deslocam 260.000 toneladas, tem 1.188 canhões e 104 tubos lança torpedos.

A guarnição é representada por 80 almirantes 721 officiaes superiores, 1150 officiaes subalternos e 27.900 marinheiros.

O exercito é constituido por 1.240 generaes, 10.370 officiaes, 43.600 sargentos e 576.000 praças de pret.

Li-Hsi, imperador da Corêa, que na actual guerra vê compromettido o seu paiz e a sua corôa, em jogo entre russos e japonezes, nasceu em 1851, e subiu ae throno em 1964, por hereditariedade.

A inviolabilidade da sua pessoa toca os limites da suprestição, sendo considerado um crime de lesa-magestade o pronunciar sequer o nome que elle recebeu do seu antecessor e ainda mais o rossar ou tocar que seja levemente a sua pessoa.



MANHÃ

Desenho a pastel, de Camara Leme

Entretanto é uma honra inestimavel o ser tocado pelo soberano, e aquelles a quem é dado esse privilegio adornam, com um laço de fita de seda, a parte de suas vestimentas que foi santificada pelo contacto do imperador.

Li-Hsi toma nove refeições por dia, constando de cinco pratos, e no seu reino só elle tem o direito de ser servido em baixella de oiro. A ninguem é permittido apresentar-se d'olhos na sua presença.

Só depois do imperador morto se lhe pôde tirar o retrato; pelo que os retratos d'elle que correm por esse mundo deverão ser instantaneos tirados por algum viajante europeu.

Quando o imperador morre, o luto dura vinte e sete mezes, e só cinco mezes depois de fallecido é que se lhe faz o enterro.

Durante o tempo do luto não se podem celebrar na Corêa nem casamentos nem funeraes. A lei obriga o soberano da Corêa a ter uma esposa legitima, oito companheiras de elevada condição, e um harem com tresentas mulheres.

Logo que a rainha esteja grávida e se espere um successor ao throno, o governo ordena jejuns e abstinencia de carnes, durante tres mezes, ao povo coreano.

As insignias imperiaes são: um sabre, um tridente, uma umbrella vermelha e um flabeu violeta. Estas insignias são conduzidas deante do imperador, quando elle vae possessionalmente em liteira, fazer suas orações aos tumulos de seus antepassados.

Monarcha absoluto, o seu absolutismo reduz-se a pouco na pratica.

A auctoridade real pertence á nobreza que conspira permanentemente contra o soberano, e que o destrona ou o assassina quando elle se propõe a querer governar por si proprio.

O povo coreano é dividido em castas, cuidadosamente apartadas. A nobreza civil, a mais sabia tem o primeiro logar no respeito e consideração de todos; segue-se-lhe a nobreza militar e logo os nobres de recente data. Succedem-se-lhe os empregados publicos secundarios, a estes os burguezes, que se subdividem em industriaes, operarios e mercadores, os pescadores e caçadores, e emfim os parias (homens pertencentes á casta infima dos indios).

Os officios são organizados em corporações sob regimen de regulamentos apropriados.

O paiz é dividido em oito provincias, administradas por governadores.

As cidades são mal edificadas e cada casa é cercada de um vallado.

SÉOUL

A capital da Corêa é Han-iang ou Séoul, comprehendendo uns 150:000 habitantes.

Séoul tem o aspecto de uma grande aldeia, com as suas ruas guarnecidas de cabanas, d'onde se destaca o palacio imperial, que é bastante notavel pelas suas dimensões, e que o soberano prefere não habitar, achando-se em mais completa segurança n'uma legação estrangeira, do que occupando aquella residencia, no meio dos seus fieis subditos.

E' sobre Séoul que as tropas japonezas se dirigem, tomando a direcção do norte até Ping-Yang, base das operações. devendo em breve estar concentrado na Corêa um exercito de 150 mil homens.

O plano dos japonezes consiste em concentrar forças importantes n'esta região para ahí provocar o encontro dos russos.

MARECHAL OYAMA

Oyama é o general em chefe do exercito japonês, um dos talentos militares mais em evidencia no Japão pelos seus trabalhos sobre moderna tactica, e um collaborador dos mais importantes no plano de campanha que se tem desenrolado no Extremo-Oriente.



SARGENTO-MÓR (1740)

Aguarella de Ribeiro Arthur

A exposição da Sociedade de Bellas-Artes

Conforme promettemos a nossos leitores, voltamos hoje á exposição, e divagando pelas salas, menos povoadas e mais silenciosas, que nos primeiros dias, podemos á vontade vêr as obras expostas.

Pouco nos resta em que já não tivéssemos posto olhos e nos prendesse a attenção.

Lagoachos de Setil é uma bella paisagem cheia de ar e de luz, de Thomaz de Mello Junior. D'este artista notaremos ainda *Barcos de pesca no rio Sado*.

Em paisagem chama ainda nossa attenção os quadros de Carlos Gomes Fernandes, principalmente *No Croisic* (França) *manhã de neblina e Efeito da lua* (Saint Maló), França. São de bom effeito estes dois quadros, pintados com sobriedade de tintas, tem o tom frio que dá bem a impressão do natural.

Thomaz de Moura é um novo que tem estudado em França, e que na Bretanha compoz o seu quadro, *Colheita da maçã*, que é muito para notar.

Castanheiro é um quadrinho que destacamos de entre outros que Antonio Manuel da Saude expõe. Na mata cerrada a luz escôa-se por entre a ramaria orvalhada e fresca, que é a nota dominante d'este quadro.

São interessantes dois estudos de Falcão Trigo.

Retrato e Morena são dois quadrinhos de José Leite, apreciaveis.

Estes tres ultimos expositores são discipulos de Carlos Reis, premiados em exposições anteriores, e o seu progresso é uma promessa lisonjeira.

Não deixaremos de notar uma paisagem *Margens do rio Jamor*, de José Thiago Ferreira Basalisa, pintada largamente, e em que achamos qualidades apreciaveis que devem animar o auctor a proseguir em seus estudos.

Supplica é uma bonita cabeça de estudo pintada por D. Maria Luiza do Alto Mearim, em que ha poesia e sentimento. E' uma amadora distincta na execução e escolha dos assumptos de suas télas.

